

Imigrantes na Pauta do Telejornalismo: Quando e Por Que Eles Aparecem?¹

Adeline BORDIN²

Elaine JAVORSKI³

UniBrasil Centro Universitário, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho analisa as abordagens usadas pelos jornalistas de televisão na construção das notícias sobre os fluxos migratórios contemporâneos. Por meio de um questionário, profissionais das duas maiores emissoras paranaenses foram incitados e refletir sobre a proximidade com o tema e o grau de importância atribuído aos assuntos relacionados aos imigrantes que vivem no estado. Como base teórica, este artigo discorre sobre questões da rotina produtiva dos jornalistas, principalmente na televisão, e as etapas da construção das notícias. As conclusões apontam para um interesse pelo tema por parte dos profissionais, embora considerem que os veículos reservem pouco espaço para isso. Mostra também que estar próximo a um imigrante facilita a familiaridade com o tema e a possibilidade de inserção da problemática nos noticiários.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; imigração; rotinas produtivas; jornalistas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho integra as investigações do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Migrações, grupo de iniciação científica que se debruça sobre o tema desde 2012 no UniBrasil Centro Universitário. O presente estudo pretende observar as abordagens utilizadas pelos jornalistas de televisão na construção da notícia sobre imigração. Para entender como ocorre a dinâmica da apuração e produção das reportagens exibidas nos telejornais locais, foram entrevistados 20 jornalistas que atuam em duas emissoras paranaenses: RPC, afiliada Rede Globo; e RIC, afiliada Record. Por meio de um questionário, o objetivo foi entender qual a proximidade dos jornalistas com o tema, se há algum direcionamento editorial na cobertura de fatos relacionados aos imigrantes e também

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação, 5º período, do Curso de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário, email: draupadidd@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora pesquisadora do Curso de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário, email: elainejavorski@hotmail.com

as dificuldades encontradas no tratamento do assunto. A reflexão teórica que apoia o trabalho, centra-se basicamente nas questões relacionadas a rotina produtiva do jornalismo, já que as formas de interpretações do fatos cotidianos passam também pela logística instaurada pelos meios de comunicação, desde a pauta até a edição e exibição das reportagens. Nesse processo entram em jogo fatores hierárquicos, de tempo e espaço, condições técnicas e econômicas, organização das empresas de mídia, entre outros. Outro ponto importante de discussão são as diferenças culturais presentes na sociedade e, conseqüentemente, o tratamento desses valores pela mídia. As conclusões apontam para um interesse dos jornalistas no tema, embora isso não se reflita nos noticiários. Isso se deve ao perfil editorial das emissoras, mas também ao perfil do jornalista, que no seu cotidiano encontra-se afastado dessa problemática, já que tem pouca proximidades com imigrantes e/ou instituições que trabalham com essa parcela da população.

AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

As migrações são deslocamentos que ocorrem tanto dentro do próprio país, são as migrações internas, como entre um país e outro, chamadas migrações internacionais. Podem ser individuais ou coletivas e carregam diferentes razões, desde a busca por experiências de vida ou melhores condições de trabalho e estudo, até questões de sobrevivência, como a impossibilidade de viver no local de origem por desastres naturais, violação de direitos, etc.

Os fluxos migratórios ocorrem em diversas direções. Durante os séculos XIX e XX, milhões de pessoas deixaram a Europa para viver em regiões pouco habitadas e com necessidade de mão-de-obra, como foi o caso do Brasil e outros países do continente americano. Esses deslocamento foram, muitas vezes, incentivados pelas autoridades dos países que precisavam de trabalhadores. A partir da segunda metade do século XX, há uma inversão nos fluxos, que passam a ter mais intensidade no sentido sul-norte do hemisfério.

Atualmente, há cerca de 250 milhões de migrantes internacionais e 750 milhões de migrantes internos, segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Mas muito deles saem de suas terras por não ter outra opção de vida. São mais de 20 milhões de refugiados, o maior número de imigração forçada desde a Segunda Guerra Mundial, conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). A maioria ocorre no hemisfério sul, sendo o deslocamento mais comum para países próximos

ou vizinhos. Se por um lado, há uma superlotação demográfica em alguns países, por outro, esse fluxo de pessoas ajuda a contrabalançar a baixa taxa de natalidade, por exemplo, de muitos países desenvolvidos. E são justamente os imigrantes que reativam o mercado de trabalho, dão suporte ao sistema previdenciário e auxiliam no crescimento populacional.

Ao observar esses fluxos, é possível perceber que alguns fatores podem explicar esse complexo panorama migratório, como observa Marinucci (2008). Para o autor, há alguns facilitadores que permeiam as viagens, como por exemplo, o aprimoramento e barateamento dos meios de comunicação e transporte; as agências de tráfico de pessoas e as próprias redes sociais dos migrantes que facilitam o conhecimento sobre determinadas regiões e torna o acolhimento mais fácil, como é o caso também o reagrupamento familiar. As disparidades econômicas também influenciam os deslocamentos, uma vez que os países desenvolvidos estão no lado norte do hemisfério, embora as crises econômicas modifiquem esse cenário em determinadas épocas. Também o envelhecimento populacional e a necessidade de mão-de-obra, bem como a estratégias de alguns governos dos países emissores, contribuem para a imigração. Além disso, há o caso das pessoas em busca de refúgio e vítimas de projetos de desenvolvimento.

Até então sempre receptor de migrantes, no final dos anos 80 e início dos anos 90 o Brasil passa a ser um país de emigração quando cerca de 600 mil cidadãos deixaram o país. Na atualidade, uma nova onda migratória atinge o país. Dados do Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que 286.468 imigrantes vivem no Brasil há pelo menos cinco anos e em residência fixa. O número foi 86,7% maior do que em 2000, ano da última pesquisa, quando haviam 143.644 imigrantes na mesma situação. Os principais países de origem são os Estados Unidos (51.933), Japão, (41.417) Paraguai (24.666), Portugal (21.376) e Bolívia (15.753). Já as cidades que receberam juntas mais da metade dos imigrantes foram São Paulo, Paraná e Minas Gerais, seguidas de Rio de Janeiro e Goiás.

A imigração recente advém tanto de países desenvolvidos como em desenvolvimento. Segundo o Ministério da Justiça, entre os anos de 2010 e 2012, o número de pessoas que pediram refúgio no país triplicou. Com os grandes eventos esportivos (Copa do Mundo em 2014 e Olimpíadas em 2016) e o aquecimento na área imobiliária, muitos cidadãos foram atraídos pelos empregos na construção civil, como o caso dos haitianos.

Segundo estatísticas da Polícia Federal de março de 2015, encontram-se regularizados no Brasil 1.847.274 imigrantes, sendo 1.189.947 “permanentes”, 595.800 “temporários”, 45.404 “provisórios”, 11.230 “fronteiriços”, 4.842 “refugiados”; e 51 “asilados”.

Embora os imigrantes representem somente 0,9% da população no país, é importante observar que há áreas de concentração onde percebe-se sua presença com maior intensidade, como é o caso do Paraná e os imigrantes haitianos. No caso desses cidadãos, depois de São Paulo, é no Paraná que eles estão mais concentrados. Em 2015, dos 18,7 mil haitianos que viviam no Brasil, 4,5% moravam na capital paranaense, segundo dados da Polícia Federal. Isso significa que, assim como outros imigrantes, eles estão pelas ruas, ocupando postos de trabalho diversificados, bastante perceptíveis aos moradores da cidade – o que inclui os jornalistas. Mas qual a proximidade estes profissionais têm com os imigrantes? Que importância atribuem a esse grupo e a partir de que ponto tornam-se fontes para pautas? A rotina jornalística permite a inclusão do complexo tema da imigração? Este trabalho pretende refletir esses pontos a partir da discussão teórica sobre as escolhas e filtros utilizadas no jornalismo, em especial na televisão, para a inserção de determinados assuntos nos noticiários.

A ROTINA PRODUTIVA DO JORNALISMO

Os processos imigratórios fazem parte da história das construções das nações. O modo como são retratados esses acontecimentos contribuem para o registro histórico desse processo bem como para a formação da opinião popular a respeito do fato.

Os telejornais brasileiros são ainda em muitos casos, a principal, quando não a única, fonte de informação da população, o que torna ainda mais importante a forma como as questões relacionadas a representatividade dos imigrantes são tratadas. E, como nos outros meios de comunicação, as notícias que são exibidas passam por filtros, escolhas feitas baseadas em motivos objetivos, como o tempo e horário de exibição, e também subjetivos, fundamentados em decisões organizacionais, pessoais e editoriais.

A seleção das notícias é um processo complexo que se desenvolve ao longo de todo ciclo de trabalho, realizado em diferentes etapas, desde as fontes até o redator, editor, e com motivações que não são todas imediatamente imputáveis à necessidade direta de escolher as notícias a transmitir (Pereira Jr, 2000, p.84)

Barros Filho (2002) chama a atenção para o fato de que os meios de comunicação possuem formas padronizadas e conservadoras para produção de notícia, sendo que os critérios se comportam de modo quase permanentes e próprios ao valor notícia gerados durante o processo de evolução do jornalismo. É a partir deste direcionamento que jornalistas e editores escolhem os assuntos considerados relevantes para publicação.

Para o autor é a repetição dos acontecimentos que estabelece o *eidos* e o *habitus* jornalístico, ou seja, no surgimento de uma rotina, mecanizam-se procedimentos que acabam por gerar novos padrões estabelecidos pela linha editorial da empresa jornalística.

Por isso, essa rotina tende a conservar-se, isto é, a se reproduzir e, portanto, a se repetir. A rigor, os procedimentos e as ações jornalísticas socializam porque se repetem e se repetem porque socializam. Por isso, a relativa estabilidade de posições no espaço de produção da notícia se converte numa estabilidade, igualmente relativa, de práticas próprias a esse espaço. (BARROS FILHO, 2002, p.163)

Para Traquina (2005) os membros de uma profissão se desenvolvem como um grupo separado criando seu próprio *ethos*. No meio jornalístico esse *ethos* se desenvolveu quase como uma mitologia sobre a função jornalística, onde o jornalista como autor/produtor da notícia era visto como um guardião do cidadão.

Num processo circular entre os membros da comunidade interpretativa e a sociedade democrática, o jornalismo foi definido como o preenchimento de certa funções na sociedade, ou se preferirem, no cumprimento de papéis sociais bem precisos. (TRAQUINA, 2005, p.125)

No entanto, Barros Filho enuncia que mesmo os cursos de jornalismo preconizando a isenção do sujeito e de seu repertório, na análise dos fatos a serem noticiabilizados, as empresas jornalísticas, ao recrutarem novos profissionais em seus programas de treinamento, acabam por moldar o futuro profissional ao *eidos* local e que logo estes mesmo profissionais estarão estabelecidos e estabelecendo o *habitus* empresarial.

A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA NO TELEJORNALISMO

A produção de um telejornal inicia-se muito antes do horário em que será exibido. Essa elaboração tem início com a reunião de pauta que pode ser aberta a participação de todos os que fazem parte da redação. Um bom trabalho em equipe permite que todos deem opinião sobre temas e formatos a serem utilizados durante o programa telejornalístico.

Nessa fase inicial do processo fica estabelecida a noticiabilidade da informação que se deseja apresentar.

Pereira Jr. (2000) reforça a teoria de que durante o processo de produção da notícia encontram-se quase como antagonistas a cultura profissional e as limitações estabelecidas pela organização para qual se trabalha. Sendo que a mediação entre estes dois fatores estabelece o conjunto de critérios que vão determinar se aquele tema é ou não noticiável. Sobre o critério de noticiabilidade Wolf estabelece o seguinte:

Pode-se também dizer que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos, com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, cotidianamente, de um entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2002, p.190)

Deste modo, fica evidente que o primeiro filtro já ocorre neste estágio da escolha do que é ou não um fato jornalístico. O termo *gatekeeper* foi utilizado pela primeira vez com cunho jornalístico por David Manning White em 1993 e se referia, de acordo com a explicação de Pereira Jr, aos diversos portões (*gates*), pelos quais o jornalista seleciona se uma informação será ou não noticiada. White é citado por Pereira Jr afim de fornecer a seguinte explicação:

Segundo White, o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, com decisões dependendo muito de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do gatekeeper. As pesquisas que se seguiram realçaram o aspecto de, na seleção e na filtragem das notícias, as normas ocupacionais parecerem mais fortes que as preferências pessoais” (PEREIRA JR., 2000, p.79)

O autor comenta que a seleção das notícias é apenas um dos processos na elaboração de um jornal diário que ainda conta com a captação das informações e a apresentação das mesmas. Dentro do processo de captação das informações um agente se torna fundamental para a qualidade do material produzido: as fontes. Para Wolf (2002) apesar da importância primordial das fontes ainda existe uma tendência a destacar a função do jornalista em detrimento a essencialidade das fontes, e também que a escolhas destas fontes não se estabelece de modo casual ou arbitrária.

Os estudos sobre *newsmaking* deram a conhecer este aspecto suficientemente claro e incontroverso: a rede de fontes que os órgãos de informação estabelecem como instrumento essencial para seu funcionamento, reflecte, por uma lado, a estrutura social e de poder existente, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos” (PEREIRA JR., 2000, p.79)

A rotina da produção jornalística ainda conta com um elemento: o tempo. Na verdade, é com a escassez do tempo que se lida a maior parte do tempo que modifica a configuração final do produto notícia que vai ser apresentado ao público receptor. Para Wolf se durante o processo inicial da construção da notícia pretende-se retirar dela toda a carga histórico-social em que está inserida, é durante o processo de edição e apresentação que estes itens lhe são devolvidos de maneira a estarem coordenados ao formato telejornalístico. As informações, sons e imagens são devidamente selecionadas a fim de compor uma narrativa, que mesmo primando pela síntese e brevidade, possua ritmo, começo, meio e fim, além de também haver a necessidade de continuação entre as matérias apresentadas

A fragmentação dos conteúdos e da imagem da realidade social situa-se, exatamente, entre esses dois movimentos: por um lado, a extração dos acontecimentos do seu contexto; por outro a reinserção dos acontecimentos noticiáveis no contexto constituído pela <confeção>, pelo formato do produto informativo. (WOLF, 2002, p. 244)

Wolf é enfático ainda ao dizer que o processo de tratamento não deve ser mostrado ao grande público, pois acabaria com a convicção de que os noticiários tem como função essencial, apenas descrever o fato, e não a construção do fato noticioso.

ESTUDO DE CASO: JORNALISTAS E A PAUTA SOBRE IMIGRAÇÃO

Como forma de perceber qual a proximidade dos jornalistas de televisão com o tema das migrações internacionais e que elementos da rotina produtiva contribuem ou dificultam a discussão do assunto, foi realizada uma sondagem com 20 jornalistas, entre pauteiros, repórteres e editores, das emissoras paranaenses RIC, afiliada Record, e RPC, afiliada Globo. O questionário com 24 perguntas abrange informações gerais sobre o jornalista, como sua cidade de origem, tempo de formação e cursos de pós-graduação, tempo de experiência na área e o cargo que ocupa atualmente, e também questões relacionadas à proximidade com o tema da imigração atual. Assim, foram formuladas perguntas específicas sobre o conhecimento e convivência com estrangeiros. A distinção entre ter conhecidos imigrantes e conviver com eles é importante para observar o grau de proximidade com a problemática. Outras perguntas se direcionavam mais às questões da rotina produtiva, como a busca de informação sobre o tema, sua importância, a frequência e suficiência da cobertura, as temáticas mais tratadas quando o assunto aparece, as editoriais

em que se enquadram e as principais dificuldades encontradas no tratamento. Sobre os auxílios no desenvolvimento dos materiais sobre o tema, foram questionados sobre a existência de algum tipo de apoio pessoal na redação ou de materiais como códigos deontológicos.

As rotinas jornalísticas, em especial a televisiva, condicionam os profissionais a uma série de ações que se acumulam com o passar do tempo e que, muitas vezes, não se consegue encontrar a origem. A seleção das notícias está intrinsecamente relacionada à rotina que cada meio impõe aos seus jornalistas. Falta de tempo, principalmente por conta do deadline dos telejornais, derrubam assuntos, que são excluídos ou substituídos pelos mais importantes. Mas que características fazem com que um assunto seja considerado mais importante que outro? Os critérios de noticiabilidade são parte da formatação do pensamento de um jornalista na hora em que seleciona a notícia, embora esse ato seja bastante subjetivo e pessoal. Seu perfil pode influenciar na escolha. Dos 20 jornalistas entrevistados, metade são migrantes, ou seja, vieram de outra cidade para morar em Curitiba. Embora este trabalho tenha o foco principal no tema dos fluxos internacionais, é importante considerar a visão do jornalista como um descobridor do local em que vive. A maioria têm mais de 10 anos de atuação no mercado, o que demonstra experiência, e metade possui uma pós-graduação.

Considera-se, neste estudo, assim como Traquina (2005), que o grupo de jornalistas, a partir do seu próprio *ethos*, observa o mundo de forma peculiar. Se ele é entendido como um profissional que trabalha na defesa do cidadão, é preciso que, para que isso seja realmente colocado em prática, ele conheça esse cidadão. Assim, é muito mais fácil que um jornalista seja engajado em propor pautas sobre adoção de crianças, por exemplo, se ele teve essa experiência: tendo ele adotado ou sendo filho adotivo, ou conhecido um caso bastante próximo. O mesmo ocorre com os imigrantes, com a diferença que, neste caso, as questões socioeconômicas e culturais são um elemento a mais no jogo da proximidade. Se consideramos que os imigrantes, principalmente oriundos de países pouco desenvolvidos, chegam, agrupam-se entre seus compatriotas e ocupam postos de emprego não qualificados, já encontramos aí a distância entre eles e os jornalistas. É evidente que nem só de “afinidades” vivem as pautas jornalísticas, mas é inegável que a intimidade com determinados temas facilita a proposição de temas para cobertura da mídia. No caso dos 20 jornalistas entrevistados, 17 dizem conhecer estrangeiros mas somente seis convivem diretamente com eles. Entre as nacionalidades mais citadas estão os argentinos (6) e

cidadãos europeus (10) como portugueses, franceses e italianos. Dois dizem conhecer haitianos e três, nacionais do continente africano como angolanos e senegaleses. Nesse sentido, conviver com os imigrantes e observar suas dificuldades, seja na questão do idioma, na busca por seus direitos como estrangeiros, acesso aos serviços básicos como educação e saúde, e outros problemas enfrentados, principalmente pelos que possuem poucas condições econômicas ou chegam como refugiados, poderia suscitar a discussão pública sobre o tema.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou ignora, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflecte de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (Shaw, 1979: 96 apud Wolf, 1999: 62)

Sobre a busca de informações acerca do tema da imigração recente no Paraná, 15 jornalistas dizem estar a par dos acontecimentos e suas repercussões e todos consideram esse tema importante ou muito importante. 14 dizem já terem feito alguma cobertura sobre assuntos relacionados à imigração mas que isso é bastante esporádico. Três nunca fizeram nada a respeito. Nove concordam que a cobertura é insuficiente, os outros 11 acreditam estar dentro do normal. Todos os que cobriram o tema dizem tê-lo feito sobre a imigração atual e não sobre a os estrangeiros fundadores de cidades e regiões. Os temas tratados são, geralmente, relacionados às editoriais de economia, política e cultura, sendo emprego e a integração os assuntos mais abordados, seguidos de políticas migratórias e festividades.

Se comparados às análises feitas nos últimos anos sobre a visibilidade da temática na mídia, estes dados mostram uma discrepância. O monitoramento de mídia feito por este grupo de Iniciação Científica (MIZGA; STROPARO; JAVORSKI, 2013 e MIZGA; JAVORSKI; ARAÚJO, 2014) evidencia que o assunto é pouco explorado, principalmente do ponto de vista humanitário, já que não se contextualiza a problemática. A maioria das reportagens mostra o interesse pelas notícias negativas, muitas delas provenientes das editoriais policiais. Durante os quatro meses de análise em 2014, por exemplo, observou-se uma maior intensidade aos valores-notícias relacionados à mortes e outros problemas ligados à violência, como tráfico de drogas, tráfico humano, etc. Desta forma, como demonstrado nas peças encontradas, há uma tendência em se enquadrar as notícias sobre estrangeiros e imigrantes de forma negativa. Com isso, ao transferir o tratamento negativo

da informação em geral (“a boa notícia não é notícia”) para o processo de multiculturalidade, converte-se quase toda notícia em fonte geradora de estereótipos, como observa Zapata-Barrero (2004). Assim, essas notícias acabam sendo canais de mediação entre o racismo institucional e o racismo social. O autor acredita que a mídia retroalimenta os estereótipos. Ela não só cria uma má imagem, mas também contribui para a sua consolidação e manutenção ao longo do tempo.

Sobre as dificuldades na abordagem sobre o assunto, em questão de múltipla escolha, 17 acreditam que o assunto não é mais explorado por falta de tempo ou espaço nos telejornais, 11 encontram como principal empecilho a busca por fontes e por dados oficiais. Seis dizem ser muito difícil encontrar personagens imigrantes e quatro dizem que o assunto é de pouco interesse da audiência. Três comentam a complexidade do tema e dois dizem que foge da linha editorial da emissora. Isso é bastante perceptível na análise do conteúdo informativo, já que os imigrantes quase nunca aparecem como fonte, somente as vozes oficiais ocupam o noticiário. O difícil acesso às fontes migrantes acontecem por diversos fatores: porque elas não fazem parte do círculo social do jornalista, porque geralmente não falam bem o idioma (o que dificulta o primeiro contato telefônico, por exemplo), porque não se organizam a ponto de manifestar-se na exigência de direitos, etc. Por isso, esses cidadãos aparecem muitas vezes ligados a assuntos factuais: o acidente de trabalho que envolve um trabalhador estrangeiro, a violência sofrida pelo ou por um imigrante, a chegada em massa em locais do eixo das grandes emissoras (Rio-São Paulo). A lógica do mercado, com escassez de tempo e pessoal e o acúmulo de funções, também contribui para que os temas sejam generalizados e que se particularizem com mais intensidade os efeitos negativos da multiculturalidade. Nesse sentido, a busca por fontes torna-se difícil, já que para encontrá-las, muitas vezes, é preciso sair da redação – ato raro para um pauteiro.

Sobre o auxílio no tratamento do tema, 12 dizem que a empresa segue um manual, código deontológico ou algo similar, mas 16 dizem que na prática não há nenhuma indicação sobre como proceder quando fala-se de imigração ou diversidade cultural. Por fim, 17 acreditam que um código ou manual seria uma ferramenta útil para evitar erros ou imprecisões na hora de tratar desses temas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As emissoras de televisão, como os outros veículos de comunicação, são empresas e por isso visam a melhor colocação no ranking da audiência. O formato empresarial estabelece uma rotina na redação que se ocupa do acontecimento sem aprofundá-lo, sem contextualizá-lo. É o que acontece também no caso do tema da imigração. A falta de espaço no telejornal e também a falta de tempo para pautas mais trabalhadas, colocam as notícias sobre essas minorias sempre de forma rápida, geralmente por meio de fatos acidentais. Entender porque se deslocam, como viagem e o que esperam do lugar onde chegam é raro no telejornalismo. A sondagem com os jornalistas mostra que, embora se preocupem com o tema, a inserção fica aquém do desejado. Em meio a tantos factuais, a questão dos fluxos migratórios perde força na pauta. Mas é também pela falta de conhecimento mais próximo sobre o tema que o jornalista acaba por não inseri-lo no cotidiano das notícias. Há uma série de critérios de noticiabilidade, como observa Wolf (2002), por meio dos quais as notícias são escolhidas. E nem sempre o filtro, ou *gate*, é tão objetivo. Quem faz essa seleção leva em conta preferências pessoais, mas também normas ocupacionais (PEREIRA JR, 2000). É no caso dos filtros de caráter pessoal que pode estar o conhecimento sobre a imigração, sobre os imigrantes.

Também a forma como deve-se tratar o tema, outro fator que intimida a proposição de pautas sobre imigração, é levada em conta quando os jornalistas refletem sobre sua rotina. Para eles, é importante que exista um código de ética ou manual de boas práticas que aponte os caminhos corretos no tratamento da informação e traga mais segurança para o profissional que pretende trabalhar a temática nas pautas e reportagens.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, C. **Reflexo de Pauta**: ética e habitus na produção da notícia. *Contracampo Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 7, p.157-181, 2002

MARINUCCI, R. **Migrações internacionais contemporâneas**: as razões da crescente intensidade. In *Revista In Cammino*. XXXIII, 83 (julho/dezembro – 2008) 7-16

MIZGA, L.; STROPARO, A.; JAVORSKI, E. **A visibilidade da população imigrante nos telejornais matutinos**. *Cadernos da Escola de Comunicação, UniBrasil*, 02 set. 2013.

MIZGA, L.; JAVORSKI, E.; ARAUJO, A. **O retrato dos imigrantes nos telejornais matutinos**. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da*

Comunicação, 2014. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

PEREIRA JUNIOR, A. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. 3. ed. Porto Alegre: PUCRS, 2003. (Comunicação).

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as noticias sao como sao. Florianopolis: Insular, 2005.

ZAPATA-BARRERO, R. **Multiculturalidad e inmigración**. Madrid: Sintesis, 2004

WOLF, M. **Teorias da comunicacao**. 7. ed. Lisboa: Presenca,2002.